



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

**“SER MULHER E NEGRA (OU NEGRA E MULHER?)”:  
O MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS E A ATUAÇÃO DE  
LÉLIA GONZALEZ NOS JORNAIS *MULHERIO* E *NZINGA*,  
ENTRE 1981-1989.**

Maria Juliana Felix dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho surge a partir das inquietações acerca das reivindicações do movimento de mulheres negras e a atuação de Lélia Gonzalez nos periódicos *Mulherio* e *Nzinga* na inserção de questões específicas nas agendas feministas na década de 1980. Partindo de uma reflexão dos cenários conjunturais entre a década de 1980 e o presente contexto, questionamos sobre o lugar da mulher negra dentro do movimento feminista, até então, homogeneamente branco e proveniente de classes mais abastadas: como caracterizavam-se as experiências entre as mulheres negras e o movimento de mulheres? Como as percepções em torno das vivências de ser mulher e negra se constituem com as opressões que estruturam as categorias de gênero, raça e classe na sociedade brasileira? Os artigos de Lélia Gonzalez para o jornal *Mulherio* parecem complementar o que vem a ser pauta posteriormente do *Nzinga Informativo*, ao discutir sobre o lugar histórico da mulher negra na sociedade brasileira, no mercado de trabalho e ao questionar a naturalização dos estigmas sexuais que são impostos à imagem da mulher negra, além de denunciar a dupla opressão sofrida por elas. Posto isso, compreendemos que o movimento de mulheres negras enfrentou os silenciamentos de suas reivindicações, dessa forma, contribuindo para a manutenção dos sistemas de opressão que coexistem estruturalmente no sistema capitalista. Ao trabalharmos com os periódicos, pretendemos problematizar as tensões recorrentes entre o movimento feminista e as mulheres negras durante o processo de reconstrução dos movimentos sociais brasileiro. Nesse contexto, a historicização dos periódicos possibilita analisar as percepções acerca da efetiva participação das mulheres negras em movimentos sociais, âmbitos político-partidários e espaços acadêmicos institucionalizados.

**Palavras-chave:** Lélia Gonzalez. Periódicos. Questões específicas. Mulheres negras.

<sup>1</sup> Mestranda em História Social pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (PPGH/UFC) e Bolsista CAPES. [Julianafelix804@gmail.com](mailto:Julianafelix804@gmail.com)



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

Em março de 1984, durante as preparações para a campanha pelas “Diretas Já”, uma militante do Coletivo *Nzinga*<sup>2</sup> foi indicada para representar o movimento de mulheres. Porém, sua nomeação não foi bem aceita por uma militante feminista branca:

De acordo com relatos das companheiras do *Nzinga*, por ocasião da reunião em que seria tirado o nome daqueles que representaria o movimento de mulheres no comício das diretas do dia 21 de Março no Rio, uma militante feminista branca, não aceitando a indicação de uma mulher negra e favelada, declarou, com todas as letras que “mulher de bica d’água não pode representar as mulheres”. (GONZALEZ, 2020, p. 105)

O fato destacado, foi problematizado por Lélia Gonzalez (em artigo publicado em 1985), para revelar as contradições que permaneciam no movimento de mulheres, que segundo Lélia, adotavam posturas elitistas e racistas, na medida que parecia inaceitável para as feministas brancas ter uma mulher negra e favelada com um papel de representante do movimento de mulheres brasileiro.

Lélia Gonzalez (2020) explica que a relação entre as mulheres negras e o movimento feminista era bastante contraditória, visto que seus encontros consistiam em disputas por espaços de poder. Nesses encontros eram reivindicados a inclusão das questões específicas na agenda de lutas feministas, como por exemplo: a dificuldade de acesso das mulheres negras ao mercado de trabalho, a exploração do trabalho doméstico, saúde e os direitos reprodutivos e os efeitos particulares da violência racial sobre a mulher negra. Tais opressões foram reforçadas por militantes feministas brancas que as acusavam de serem “agressivas”, “não civilizadas” ou “não feministas”, “mulheres de bica d’água” compactuando com a estereotipização da mulher negra. É contra essa perspectiva que Lélia parece trabalhar, a fim de tensionar as agendas feministas e raciais, entre 1981-1989, até então marcadas por uma perspectiva especializada e acadêmica. Tendo em vista as contradições e ambiguidades que permeavam o movimento feminista na década de 1980, uma vez que parte das feministas apresentavam uma postura elitista e descrimitatórias (Gonzalez, 2020).

Entre os anos de 1976-1985 instituídos como a “Década da Mulher”, houve o fortalecimento dos ideais feministas no Brasil, impulsionando a formação dos grupos

---

<sup>2</sup> Coletivo de mulheres negras fundado em 1983 no Rio de Janeiro por militantes negras de diferentes organizações.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

de mobilizações feministas, embora voltados para um viés mais institucionalizado e acadêmico (Freitas, 2017), implicando a construção de uma agenda feminista que almejava maior especialização dos movimentos e participação nos Conselhos da Condições da Mulher. Nessa conjuntura, é que surge o *Mulherio*<sup>3</sup>, um marco de mobilização do feminismo acadêmico.

Fundado na década de 1980 por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas (FCC), o periódico se propõe a “nos assumir como o *Mulherio* e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas, de uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada, sisuda ou dogmática.” (BORGES, Adélia. Porque *Mulherio*?. *Mulherio*, São Paulo, n. 0, p. 1. 1981). O jornal objetivava debater todas as questões que afetam a mulher brasileira de maneira mais “amadurecida” e “séria”, apresentando uma atuação especializada.

Os textos de Lélia Gonzalez para o jornal parecem se distanciar da “seriedade” do feminismo institucionalizado e alinhado à definição do programa estabelecido pelo *Mulherio*. Além de marcados pelo humor, denunciam o racismo e o machismo que oprimem as mulheres negras brasileiras dentro do próprio feminismo. Neste âmbito, Lélia Gonzalez apresentava-se como a única pesquisadora negra a compor o conselho editorial do jornal, evidenciando em seus escritos a persistência do racismo e do sexismo na sociedade brasileira, denunciando uma dupla exploração sofrida pela mulher negra, além de tecer críticas à falsa ideia de “Democracia racial” predominante na cultura brasileira.

Que se pense, a partir daí, nos obstáculos a serem superados pelo movimento negro e, sobretudo, por um movimento de mulheres negras (que já existe), já que os efeitos da desigualdade racial são muitos mais contundentes que os da desigualdade sexual. Em consequência, ser mulher e negra (ou negra e mulher?) implica em ser objeto de um duplo efeito de desigualdade muito bem articulado e manipulado pelo sistema que aí está. (GONZALEZ, Lélia. Pesquisa – Mulher Negra. *Mulherio*, São Paulo, n. 3, p. 8, set./out. 1981)

O fragmento destacado pertence ao primeiro artigo escrito por Lélia Gonzalez ao jornal *Mulherio*, nele a autora traz provocações sobre a marginalização da

---

<sup>3</sup> Jornal feminista organizado por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas (FCC) que circulou entre os anos de 1981 - 1989.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

população negra dentro do movimento feminista. De modo que chama a atenção para alguns pontos: primeiro, a situação da mulher negra nas distintas esferas da sociedade; segundo, o duplo efeito da desigualdade sofrida por elas, por serem negras e mulheres.

A pesquisadora assinou cinco artigos para o *Mulherio* que versavam sobre pautas que considerava específicas das mulheres negras e que segundo ela eram pouco discutidas internamente no movimento feminista, como a origem do trabalho doméstico, a exclusão e marginalização da mulher negra na sociedade e o empoderamento<sup>4</sup> negro.

Dentro desse ambiente, os textos de Lélia Gonzalez provocaram o boletim, parecendo querer espriar o movimento feminista para além da “seriedade” acadêmica, então marcada por limites de classe e raça. Como apontam os professores Alex Ratts e Flavia Rios (2010), Lélia problematizou a questão da mulher negra como categoria específica na luta contra as desigualdades sociais entre os sexos, tema que ela conseguiu estender a todos os outros debates feministas.

Lélia Gonzalez, no interior do movimento feminista, definia-se como “criadora de casos”, postura que diz menos de uma questão pessoal que da compreensão do papel do intelectual<sup>5</sup>:

“No meio do movimento das mulheres brancas, eu sou a criadora de caso, porque elas não conseguiram me cooptar. No interior do movimento havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo. As mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá para a gente dialogar com elas, etc. E eu me enquadrei legal nessa perspectiva aí, (...)” (MNU Jornal. n. 19, São Paulo, maio a julho, 1991, p. 09).

A “Década da Mulher”, enquanto marcada por tensões, também foi fértil em organizações autônomas de mulheres negras, possibilitando a formação de coletivos que vão se tornar imprescindíveis para o debate acerca da opressão da mulher negra, como o

<sup>4</sup> Na obra *Medo e ousadia* (1986), Paulo Freire afirma que, em primeiro plano, *empowerment* significa dar poder a; ativar a potencialidade criativa; desenvolver a potencialidade criativa do sujeito. Analisando um conceito de *empowerment*, não individual, mas ligado a uma classe social envolvendo a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. Entretanto, já nos anos 1980, Freire criticava um uso individualista do termo, o que, para ele, significava uma apropriação indevida, posto que alinhada à ideologia neoliberal.

<sup>5</sup> Edward Said, em sua obra *Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993* (2005) reflete sobre o papel do intelectual, como um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. Para o autor a função do intelectual seria causar embaraço, ser do contra e até mesmo desagradável.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

*Nzinga* - coletivo de mulheres negras. Nesse período, era recorrente a troca de experiências entre os movimentos sociais. Lélia Gonzalez, pode ser um bom exemplo dessas práticas, pois integrava o conselho editorial do *Mulherio* e foi cofundadora do *Nzinga*. O coletivo conseguiu alcançar uma grande expressão, ensejando a construção de uma agenda voltada para as especificidades da mulher negra bem como para uma perspectiva de ação direta nas periferias e na sociedade em geral.

O *Nzinga Coletivo de Mulheres Negras*, foi fundado em 1983, organizado por militantes negras de diferentes posições sociais, oriundas dos movimentos de favelas e do movimento negro. Entre suas fundadoras estão, Lélia Gonzalez<sup>6</sup>, Jurema Batista<sup>7</sup>, Pedrina de Deus, Rosália Lemos<sup>8</sup>, Benedita da Silva<sup>9</sup>, entre outras ativistas negras. O grupo objetivava atuar diretamente com mulheres pobres da comunidade, apresentando-se como um Coletivo de Mulheres que lutam contra o sexismo e o racismo:

Somos um *Coletivo de Mulheres* porque lutamos contra todas as formas de violência, ou seja, lutamos contra o sexismo e a discriminação sexual. Somos um Coletivo de Mulheres Negras: além do sexismo, lutamos contra o racismo e a discriminação racial que fazem de nós o setor mais explorado e mais oprimido da sociedade brasileira. (Gonzalez, 2020, p 107, grifos da autora).

Alex Ratts e Flávia Rios (2010), argumentam que o *Nzinga* pôs em prática a intersecção entre as categorias de gênero, raça e classe, visto que para as militantes do coletivo, era necessário para as percepções academicistas, uma articulação da teoria com a intervenção social.

Em 1985, entra em circulação jornal produzido pelas militantes do coletivo, intitulado de *Nzinga Informativo*, que consistia em um espaço para o diálogo entre as mulheres negras, priorizando a divulgação de questões referente a luta das mulheres negras e de comunidades, objetivando dar espaço aos debates que já vinham sendo

---

<sup>6</sup> Professora, historiadora, filósofa e antropóloga brasileira. Pesquisadora sobre Cultura Negra no Brasil, foi cofundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro (IPCN-RJ) e do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR, atual MNU)

<sup>7</sup> Líder comunitária, professora e política filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT). Foi vereadora da cidade do Rio de Janeiro e deputada estadual do Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Nascida em Belém/PA, radicada em Fortaleza/CE, foi uma publicitária, professora e sambista que dirigiu o Instituto das Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) na década de 1970.

<sup>9</sup> Servidora pública, professora, assistente social e política filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT). Foi governadora do estado do Rio de Janeiro e atualmente é deputada federal.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

realizados pelas integrantes do grupo. No editorial publicado em 1988, o coletivo se estabelece a respeito de suas posições enquanto grupo de mulheres negras:

Nós do NZINGA entendemos a necessidade da nossa articulação com o Movimento de Mulheres e com o Movimento Negro, na medida em que os debates, as reflexões e o embasamento que norteiam nossa atuação devem estar centrados em dois eixos: o primeiro – as questões do Gênero: SOMOS MULHERES - e como tal submetidas à discriminação sexual por que passam todas as mulheres, independente de raça etnia, classe social ou credo religioso. SOMOS NEGRAS - e o que nos diferencia das demais mulheres não é só a cor da pele mas a IDENTIDADE CULTURAL. E é para resgatar esta identidade de MULHER NEGRA, que precisamos nos organizar a parte sim. Aprofundar as questões específicas, perceber onde, como e quando somos oprimidas e partindo deste específico participarmos mais fortalecidas da luta geral. (EDITORIAL, *Nzinga*, 4, Jul/Ago. p. 2, 1988).

Os artigos presentes no *Nzinga Informativo* trazem discussões voltadas para o protagonismo da mulher negra por meio de diálogos com distintos coletivos de Mulheres Negras e Movimentos de Favela. Além de ressaltar a necessidade de organização das mulheres negras na participação ativa na política e nas mobilizações pela constituinte a partir da segunda metade da década de 1980. Diante das disputas por espaços políticos, seja no movimento negro, ou mesmo, no movimento feminista (Freitas, 2017), o *Nzinga* tornou-se um instrumento de luta pela participação das mulheres negras na política brasileira, principalmente na Constituinte.

### **O discurso de Lélia Gonzalez**

E por falar em pretuguês, é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a *bunda* (esse termo provém do quimbundo, que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém de um tronco linguístico banto que “casualmente” se chama *bunda*). E dizem que significante não marca... Marca bobeira quem pensa assim. De repente *bunda* é língua, é linguagem, é sentido e é coisa. De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado etc. e tal. (GONZALEZ, 2020, p. 90 e 91)

Em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (2020), Lélia Gonzalez adere ao recurso discursivo denominado *pretuguês*, que significa, a africanização do português falado no Brasil, constituindo-se em uma resistência discursiva e cultural. No trecho em destaque, a professora utiliza o *pretuguês* agregando termos e expressões populares que vão em desacordo às normas recorrentes na escrita acadêmica, trazendo o termo “bunda” como objeto de problematização da cultura brasileira.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

De acordo com a obra *Ordem do Discurso* (1996) de Michel Foucault a compreensão do discurso como objeto de investigação deve ser explorada por meio dos princípios de inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade. Destacamos este último conceito em relação aos encadeamentos a respeito da reflexão das ordens e possibilidades externas do discurso. Nessa perspectiva, Foucault (1996, p. 10) argumenta que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nós queremos nos apoderar.” Essa dinâmica se constitui como um exercício de poder.

Dessa forma, a escrita de Lélia Gonzalez parece contrapor-se à proposta comunicativa do jornal *Mulherio* que objetivava ser mais séria e sisuda, características de um âmbito intelectualizado. Os textos da autora parecem marcados pela presença de uma linguagem coloquial e de recursos humorísticos que trazem para o âmbito da escrita o próprio corpo e a perspectiva da ação social, como observamos no trecho: “Marca bobeira quem pensa assim. De repente “bunda” é língua” (Gonzalez, 2020).

Alex Ratts e Flávia Rios (2010) analisam a informalidade discursiva da autora que abusava da economia linguística em seus artigos: *pra* (para), *tava* (estava), *tamos* (estamos), *camé* (como é). Utilizando expressões como *a gente* em vez de nós e algumas gírias como: *papo* (conversa), *sacar* (compreender), *mancada* (falta), *lance* (situação). Essa forma discursiva é bastante utilizada pelas autoras do *Nzinga Informativo* que almejavam uma comunicação e compreensão mais ampla.

Nesse sentido, analiso as fontes não só pelo que dizem, mas atentando também ao como dizem, e para quem, uma vez que o modo como o discurso se constrói enquanto linguagem expressa as lutas políticas que o envolvem. Ao analisar os discursos presentes nos periódicos, encontramos-nos com tensionamentos entre o movimento de mulheres negras e o movimento feminista, partindo do procedimento de *interdição* no processo de produção do discurso para Foucault, as interdições que o atingem revelam sua ligação com o desejo e com o poder.

### **Considerações finais**

Lélia Gonzalez em seu artigo *A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica* (2020), afirma que ser negra e mulher no Brasil é ser



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

objeto de dupla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. Nesse sentido, o presente trabalho almeja discutir historicamente o debate acerca do lugar da mulher negra na sociedade brasileira, das articulações entre gênero, raça e classe e as transformações ocorridas dentro do movimento feminista a partir do processo de “redemocratização” no Brasil.

De acordo com Alex Ratts e Flávia Rios, Lélia dentro do movimento feminista acadêmico problematizou a questão da mulher negra como categoria específica na luta contra as desigualdades sociais entre os sexos, denunciando que as próprias mulheres brancas, que tanto lutavam contra a opressão, eram também opressoras, pois corroboram de certa forma, com a manutenção das desigualdades de raça na sociedade brasileira.

Observamos que os escritos de Lélia Gonzalez para o jornal *Mulherio* e os editoriais do *Nzinga Informativo*, além de trazerem problematizações sobre a questão da mulher negra como categoria específica de luta, diferenciavam-se da escrita feminista intelectualizada ao adotar o uso da escrita coloquial e menos sisuda. Logo, a historicização dos periódicos *Nzinga* e *Mulherio*, componentes das mobilizações dos coletivos de mulheres negras, possibilita analisar as percepções acerca da efetiva participação de mulheres negras em movimentos sociais, âmbitos político-partidários e espaços acadêmicos institucionalizados.

Nesse sentido, analiso as produções discursivas de Lélia Gonzalez e de suas companheiras negras para os editoriais dos periódicos *Mulherio* e *Nzinga Informativo*. Sendo assim, partimos das considerações de Michel Foucault (1996) a respeito do discurso como um espaço de exercício de poder, torna-se possível compreender a inserção de pautas específicas dos coletivos de mulheres negras no movimento feminista e a disputa com um movimento hegemônico feminista na década de 1980 como elementos de disputas de poder em cujo cerne está a ideia de “especificidade”, o que envolve categorias como gênero, raça e classe.

Além disso, as discussões desenvolvidas no presente trabalho, contribui para que façamos uma reflexão acerca das problematizações desenvolvidas por Lélia Gonzalez (1995) sobre as experiências históricas da mulher negra. De acordo com a autora, o ditado “Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar” é uma



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

síntese da representação de como a mulher é vista perante a sociedade brasileira: como um corpo que trabalha e é super explorado economicamente.

### **Fontes**

BORGES, Adélia. Porque Mulherio?. *Mulherio*, São Paulo, n. 0, p.1, mar/abr. 1981.

GONZALEZ, Lélia. Entrevista. *MNU Jornal*. n. 19, São Paulo, p. 08-09, maio a julho. 1991.

GONZALEZ, Lélia. Pesquisa – Mulher Negra. *Mulherio*, São Paulo, n. 3, p. 8-9, set./out. 1981.

GONZALEZ, Lélia. Democracia racial? Nada disso! – Mulher Negra. *Mulherio*, São Paulo, n. 4, p. 3, nov./dez. 1981.

GONZALEZ, Lélia. De Palmares às escolas de samba, tamos aí – Mulher Negra. *Mulherio*, São Paulo, n. 5, p. 3, jan./fev. 1982.

GONZALEZ, Lélia. Beleza negra, ou: ora-yê-yê-ô – Mulher Negra. *Mulherio*, São Paulo, n. 6, p. 3, mar/abr. 1982.

GONZALEZ, Lélia. E a trabalhadora negra, cumé que fica?– Mulher Negra. *Mulherio*, São Paulo, n. 6, p. 9, mai./jun. 1982.

*Nzinga Informativo*, n. 2, ano I, Julho, 1985.

*Nzinga Informativo*, n. 3, ano I, fevereiro/março, 1986.

*Nzinga Informativo*, n. 4, ano III, jul./ago. 1988.

*Nzinga Informativo*, n. 5, ano IV, março, 1989.

### **Referências Bibliográficas**

BIROLI, Flávia. Divisão sexual do trabalho e democracia. Dados – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, p. 719-754, 2016.

CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, número especial, p. 37-55, 2004.

CARDOSO, Elizabeth. Presença da imprensa feminista no Brasil. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *3º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero – Redações e artigos científicos vencedores – 2008*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, p. 95-114, 2008.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREITAS, Viviane Gonçalves. *De qual feminismo estamos falando?* Desconstruções e reconstruções das mulheres, via imprensa feminista brasileira, nas décadas de 1970 a 2010. 2017. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*: ensaios, intervenções e diálogos. LIMA, Márcia; RIOS, Flávia (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade*: Raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019.

MACHADO, Bárbara Araújo. *A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL (1978-2000)*: Uma abordagem a partir da teoria da reprodução social. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2020.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Feminismo e política: dos anos 60 aos nossos dias. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.17, n.32, p. 107-121, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. 1.ed. 1.reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 2, p. 446-457, 1995.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, p. 987-1004, 2008.

SAID, Edward W., *Representações do intelectual. As Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, ago. 2004.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. *Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.